

**PEREIRA, Paulo José B.** O Corpo como instrumento de criação: sua relação entre dentro e fora. Belo Horizonte: UFMG. Professor Adjunto; Doutor em Artes Cênicas. Bailarino; Coreógrafo; Psicólogo formado em Psicologia Analítica.

## RESUMO

Nosso encontro com o mundo acontece através do movimento. O decorrer de uma sequência estímulo-ação-reação pode ser considerado como um jogo dançante da vida cotidiana. Na dança, o corpo como instrumento, deixa observar em sua criação a intensificação ou densificação de movimentos da vida: acontecimentos históricos ou biografias individuais, diferenças culturais, pensamentos e memórias, sensações e sentimentos ligados ao espaço e ao tempo, etc. Ele vibra como um instrumento como as cordas de um violino ou de um violão. Quando o homem se envolve totalmente à dança, com toda a multiplicidade de seu ser, isso ocorrerá tanto com ou sem um estímulo exterior. O essencial na dança não é um objetivo, ou resultado, mas a própria vivência no momento de seu acontecimento. O que vem de fora toca o que está dentro e se forma exteriormente em um processo simultâneo. O dentro e o fora estão em relação dinâmica constante, e a pessoa que dança, atua simultaneamente nas duas direções. Ela se transforma a cada momento em contato com o ambiente e modifica o ambiente a cada momento com a sua dança.

**Palavras-chave:** corpo, dança, criação, interno, externo.

## ABSTRACT

Our relation with the world happens through the moving. The development of a sequence stimulus-action-reaction can be considered as a dancing game of the daily life. In the dance, the body as an instrument allows the observation in his creation the intensification or densification of movements of life: historical happenings or individual biographies, cultural differences, thoughts and memories, sensations and feelings related to the space and the time, and so on. It vibrates as an instrument as the string of a violin or a guitar. When a man identified himself totally through the dance, with all the multiplicity of his being, this will happen both with and without an exterior stimulus. The essential in the dance is not the objectivity, or result, but the even existence in the moment of the happening. What comes from outside touches what is inside, and becomes itself exteriorly a simultaneous process. The inside or the outside are in a constant dynamic relationship, and the person, who dances, acts simultaneously in both directions. He transforms himself in every moment in contact with the environment and modifies the environment at each moment of his dance.

**Key-word:** body, dance, creation, interior, exterior.

Curt Sachs começa seu livro *World History of the Dance* com as seguintes palavras: “A dança é a mãe das artes. A música e a poesia existem no tempo; a pintura e a arquitetura no espaço. Mas a dança, acontece simultaneamente no tempo e no espaço. O criador e a coisa criada, o artista e a obra são ainda uma unidade e a mesma coisa” (SACHS, 1937,3). Este pertencer

simultaneamente ao espaço e ao tempo é uma característica da dança e de outras artes cênicas, como o teatro e a pantomima. Na dança, mais de um elemento é decisivo, como foi escrito na primeira definição: “geralmente ligada à música”. Já houve dançarinos – como Mary Wigman ou Martha Graham – que declaravam ser a dança independente da música e também dançavam sem música. Mas esse ponto de vista, apesar de fazer sentido, aparece na história da dança como exceção. Normalmente se dançava e ainda se dança ao som de música. Outras formas de expressão rítmicas e acústicas, como por exemplo, percussão ou poemas falados, podem também ser utilizados em seu lugar. Não quero limitar-me aqui a uma determinada definição de dança; assim, também, abordar a dança como fenômeno no seu todo, iria além do âmbito deste trabalho. Por isso, vamos nos orientar a um aspecto da dança que focam ao desenvolvimento do tema que segue.

### A relação entre dentro e fora

Imaginamos a seguinte situação: nós nos olhamos no espelho. Vemos como estamos vestidos, vemos nosso tamanho, se estamos gordos ou magros. Vemos nossos traços fisionômicos, a nossa postura de pé ou sentados, como também algumas coisas à nossa volta etc. Depois fechamos os olhos. Primeiro a imagem vista fica na nossa memória. Depois, lentamente ela se desfaz e nós temos que nos esforçar e nos concentrar, se quisermos torná-la novamente presente. Para isso tentamos colher algumas informações na nossa mente: que calça estou usando, como estou penteado, como estão meus pés e qual é a minha aparência geral etc. Geralmente, somos bem-sucedidos em despertar lembranças de pequenos detalhes exteriores. O corpo no seu contorno ou o rosto, com seus traços definidos, já são mais difíceis de lembrar. Aí começamos a olhar de um novo modo: olhamo-nos a partir de dentro.

Neste novo modo de olhar-nos não mais nos orientamos pelos órgãos dos sentidos, ou, em outras palavras, nós voltamos nossa atenção para dentro. Ali encontramos um mundo que, em muitos de seus aspectos, se parece ao mundo dos sonhos: as dimensões de espaço não correspondem mais a condições exteriores, possíveis de serem medidas e controladas. O tamanho do corpo, por exemplo, é dificilmente avaliado com objetividade. Nós o vivenciamos através de uma medida interior, própria, que não corresponde à medida normal e seu tamanho nos parece diferente de sua medida exterior real. E assim, também, cada um de um jeito próprio, sentimos movimentos, ritmos ou barulhos dentro de nós, os quais, de fora, não são percebidos ou, se o são, não o serão da mesma maneira.

Como no sonho, de repente podemos parecer imagens que não têm nada a ver com o acontecimento exterior do momento, nem correspondem à situação real atual. Citando tais diferenças, quero mostrar que aquilo que consideramos um mundo distante de fantasia é uma dimensão de vida que, como o sonho, é principalmente constituído pelo subconsciente e pelo inconsciente e, assim sendo, por um material que nos é profundamente próprio. Além disso, essas dimensões abrem a possibilidade de uma configuração de espaço e tempo que, na sua maior parte, é independente das medidas exteriores do corpo, e cuja limitação não precisa coincidir com as limitações desse corpo.

Essas propriedades formam um contraste com a nossa tendência normal, cotidiana, voltada para fora. Por isso, é difícil formular esse mundo interior em palavras ou de outro modo qualquer. Aí, novamente, são as imagens que nos ajudam. Se falamos do ser humano como um ser que existe em dois mundos – dentro e fora – vejo isso comparável à imagem de uma casa: as paredes da casa colocam os limites entre o espaço interno e o externo. Cada elemento, cada objeto que se encontra dentro de casa, cada um sendo um ser especial, tem para o morador o seu significado próprio que, normalmente, é independente das dimensões exteriores e medíveis da casa. Muitos desses objetos são relacionados a lembranças, capazes de levar o homem, em pensamento, para um mundo bem longínquo, distante de sua casa; eles são portadores de um significado que vai além dos limites físicos concretos, o que significa sempre uma força mental e uma dinâmica própria. Assim, podemos formular com outras palavras: a casa de uma pessoa contém em si muitas energias, que vão bem além do volume e dos limites físicos da casa.

No corpo, esse limite é a superfície da pele. Os órgãos dos sentidos, porém, são as portas e janelas que servem para o contato entre os dois mundos e o homem vive ali, entre os dois. Ele vive esse ponto de contato: sua vida é o momento de ligação entre o dentro e o fora.

No cotidiano, o nosso encontro com o mundo exterior acontece através do movimento. Nós percebemos os estímulos com os nossos órgãos dos sentidos e reagimos de alguma forma com o nosso corpo. O decorrer de uma sequência estímulo – ação-reação pode ser considerado como sendo um jogo dançante da vida cotidiana. Na própria dança – como forma de expressão determinada – acontece uma intensificação ou densificação de momentos da vida. Acontecimentos históricos ou a biografia de certos indivíduos, estendendo-se por um espaço de tempo longo, incluindo lugares os mais diversos, e impregnados com traços culturais os mais variados, podem, através da percepção pessoal de um coreógrafo ou dançarino, por exemplo, ser traduzidos de forma sintética e concentrada em uma única dança.

O dançarino e o coreógrafo formulam e comunicam, então, ao público a sua visão do porquê e do sentido dos acontecimentos, dentro do campo limitado de um palco, através do modo de expressão que lhes é próprio, ou seja, a dança. Um certo desenvolvimento social como a mistura de raças dentro do povo brasileiro, ou o atual problema de aumento do consumo de drogas, poderiam ser temas interessantes para uma dança, como alguns já o fazem.

Além disso, conhecemos também a configuração no espaço e no tempo de aspectos e elementos interiores, dimensões internas que, em si mesmas, originalmente são independentes de espaço e tempo. Uma densificação e cristalização desse tipo pode ser expressa especialmente bem na dança, porque o instrumento usado, o próprio corpo, e a forma buscada se tornam idênticos com o momento do acontecimento: *existe enquanto acontece*.

Por isso, Curt Sachs, como citamos, considerou a dança como a mãe de todas as formas artísticas, o que não quer dizer que seja mais valiosa ou mais

significativa do que as outras artes. A consideração indica, porém, sua característica, seu caráter momentâneo e integral e principalmente sua ligação original à vida como um processo. Que aspecto da vida lhe é mais característico do que o movimento? O que nos é mais próximo do que o nosso próprio corpo?

Na dança, o corpo vibra como as cordas de um violino ou de um violão. Aquilo que o faz movimentar-se são os sons de uma música, as palavras de um poema, as vibrações de um sentimento, as leis rítmicas de um pensamento ou o fluxo de uma energia cósmica. Com ou sem estímulo exterior, o homem se envolve na dança totalmente, com toda a multiplicidade de seu ser. Para mim, isso é de importância central no âmbito deste trabalho. O essencial na dança não é um objetivo, um resultado, mas a própria vivência no momento de seu acontecimento. O resultado só ganha sentido, quando relacionado à intensidade da vivência. Sim, e vou além: se há a vivência, a forma correspondente surge por si mesma, espontaneamente.

Na dança, isso acontece mais claramente do que em outras formas artísticas, repito ainda uma vez, porque o resultado é idêntico ao momento do acontecimento. O que vem de fora toca o que está dentro e se forma exteriormente num processo simultâneo. Dentro e fora estão numa relação dinâmica constante e a pessoa que dança, estando como ponto de ligação entre esses dois mundos, atua simultaneamente nas duas direções. Ela se transforma a cada momento em contato com o ambiente, e modifica o ambiente a cada momento com a sua dança.

Segundo a mitologia indiana o universo foi criado pelos ritmos dos pés dançantes do deus Shiva. O mundo em que vivemos, a própria vida e os seres que somos – nossas dimensões interiores e exteriores – são a configuração através da dança, do mundo interior de um deus.

1. SACHS, C. World History of the Dance. New York: Bonanza Books, 1937.